0118 – Martin Curi

Paper para o I. Simpósio de estudos sobre futebol
São Paulo, 10. – 14.05.2010; USP, PUC/SP e Museu do Futebol

Os novos estádios da Copa do Mundo 2014 do ponto de vista dos torcedores

Martin CURI (PPGA-UFF)

O Brasil sediará até 2016 os principais eventos esportivos do planeta. Para estas competições serão construídos vários novos estádios no país inteiro. Por ocasião dos Jogos Panamericanos 2007, no Rio de Janeiro, foi construído o estádio Engenhão, que representa, a meu ver, um protótipo desta nova arquitetura futebolística. Ele nos dá uma oportunidade de analisar as diretrizes desta construção a as conseqüências para os torcedores, que são os principais usuários deste espaço. Segundo Bale (1993), a principal tendência da arquitetura de estádios é em direção a um aumento da fragmentação, controle e hierarquização da torcida. Existem, assim, divisões não permeáveis e regras rígidas de exclusão. Enquanto estádios mais antigos, como o Maracanã, significaram um movimento contrário a essa idéia, o Engenhão pode ser considerado um novo representante desta idéia.

Bale (1993) continua a sua análise com uma comparação destes estádios modernos com a paisagem arquitetônica moderna em geral. Ele percebe que os arquitetos têm a idéia de humanizar os espaços, ao oferecer construções racionais e eficientes. O resultado é, paradoxalmente, uma desumanização, pois as paisagens perdem suas características, se tornando intercambiáveis, parecendo, por isso, ”mortas”. Ele chama esta destruição de espaços de “topocídio” (Bale, 1993, p. 41). As características típicas deste tipo de estádios seriam:

> They are (a) the *standardized values* inherent in internationalized, globally televised, synthetic entertainment; (b) the *gigantism* reflected in the formlessness and ‘lack of human scale’ […] of proposed megastadiums; (c) *uniformity of design* in international styles of stadium architecture; (d) the stadium as part of an *entertainment district*, resulting from its purpose of attracting outsiders (‘other-directedness’); and (e) the tendency towards both *futurism* in some cases and *museumization* in others. (Bale, 1993, p. 41)

No dia 27.07.2009 o arquiteto do Engenhão, Carlos Porto, me cedeu uma longa entrevista, que se tornou uma aula de arquitetura. Carlos Porto era diretor da empresa de urbanismo RioUrbe, da prefeitura do Rio de Janeiro em 1995. Nesta época o Rio de

Janeiro pretendia se candidatar a sediar os Jogos Olimpicos de 2004. Por isso o secretario de urbanismo Luiz Paulo Conde pediu a Carlos Porto para fazer um projeto para um estádio olímpico, que ficaria em Jacarepaguá. O projeto foi publicado numa revista de arquitetura em 1995, mas o Rio perdeu a concorrência e, por isso, ele foi arquivado. Em 2002 surgiu a candidatura para os Jogos Panamericanos 2007 e este projeto foi reativado. Mas, dessa vez, foi escolhido o terreno no Engenho de Dentro, porque o terreno era da prefeitura, já cedido para sediar um campo de treinamento do Comitê Olimpico Brasileiro. Além disso, era bem servido de meios de transporte, através de uma linha de trem e da via expressa Linha Amarela.

Segundo Carlos Porto, já no projeto de 1995 ele teve a idéia de não apoiar as coberturas na estrutura do estádio, mas pendurá-las em quatro arcos. Estes arcos são um elemento fundamental do estádio, porque o estádio deve se tornar uma marca, um ponto a ser reconhecido.

Esta idéia de um estádio como ponto de referencia de uma cidade tem uma verdadeira genealogia. Carlos Porto cita os projetos de Kenzo Tange para os ginásios dos Jogos Olímpicos de 1964 em Tókio e o parque olímpico de Munique de 1972, do arquiteto Günther Behnisch. Assim, Porto entende o estádio como parte de uma estratégia numa disputa entre cidades e regiões pelo acesso a recursos, num mercado globalizado. Nesta disputa a marca arquitetônica distintiva de um estádio não é mais opcional, mas se torna obrigatória. Bale (1993) chama isto de ”signature arquitecture”, com a presença dos elementos “futurismo” e “museificação”. Por um lado, o Engenhão parece supermoderno, quase como uma nave espacial que aterrissou no Engenho de Dentro, seguindo uma linguagem global da arquitetura do futurismo, mas ao outro tem um a forte ligação com a tradição da arquitetura brasileira.

O arquiteto explicou que misturou uma idéia dos arcos, uma idéia antiga do arquiteto mais famoso do Brasil Oscar Niemeyer com novas tecnologias, materiais e possibilidades. O resultado é uma indigenização (Sahlins, 2007) de tendências globais. Não estão, assim, simplesmente aplicadas tendências globais, as idéias de Niemeyer passando aí por uma certa “museificação”.

O segundo ponto, depois da questão da marca distintiva, é o conforto, cujos elementos-chave seriam a facilidade de comprar ingressos para confortáveis assentos numerados e, portanto, reservados; acessibilidade ao estádio através do transporte público e/ou um grande estacionamento dentro do estádio; equipamento high-tech,

como telões; e, um serviço gastronômico acessível, rápido e de qualidade. De fato, é possível comprar ingressos na internet, numerar os assentos, há a linha do trem, um estacionamento no estádio e telões. Mas estes (tirando os telões) são também os fatores mais criticados. Muitos torcedores por mim entrevistados reclamaram exatamente do acesso ao estádio. Do ponto de vista deles falta estacionamento e uma conexão com o metrô. Principalmente moradores da Zona Sul, que consideram a Zona Norte[1] perigosa e não se sentem confortáveis em ir até o Engenho de Dentro.

Estádios do tamanho do Maracanã se tornaram impensáveis com a atual preocupação com o conforto. Os construtores de estádios preferem dar mais espaço para cada assento e oferecer mais serviço, o que aumenta o custo para cada lugar. Em conseqüência os ingressos encarecem. Enquanto no Maracanã espera-se oferecer espaço para todo mundo, o Engenhão foi desenhado como um lugar apenas para aqueles que podem pagar pelo conforto. Significa que podemos supor que ele será freqüentado por um público com um perfil social distinto àquele do Maracanã.

Indubitavelmente confortáveis são os 78 camarotes que foram colocados na ala leste e oeste, entre o anel inferior e superior, com 16, 20, 24 ou 42 lugares (http://www.goldengoal.com.br/ceojh/camarotes2010/index.html, acesso 13.03.2010). Nestes espaços separados há poltronas, televisões e um buffet.

Segundo Carlos Porto, o aumento do conforto se tornou necessário por causa da concorrência da televisão. O estádio começou a rivalizar com a comodidade dos lares. A televisão aumenta a exigência por mais conforto e também amplia o público, através das transmissões, se tornando uma fonte de recursos bem considerável. Por isso o estádio precisa ser adaptado também as necessidades técnicas da televisão. Além de espaços para o equipamento técnico da televisão, há uma tribuna de imprensa na parte superior da ala oeste e as cabines de radio e televisão entre os camarotes da ala oeste.

Estreitamente ligada a este tema é a questão de segurança. Os assentos e o acesso não são apenas medidas de conforto, mas também de segurança. Federações internacionais de esporte exigem a construção de estádios "all-seater"[2] com setores bem divididos. A diminuição da capacidade e o fato de as pessoas assistirem ao jogo sentados aumenta a segurança. Enquanto antigamente era possível escolher quase livremente um lugar depois de ter comprado o ingresso para um jogo, hoje em dia é

[1] Categorias nativas no Rio de Janeiro, considerando a Zona Sul a área nobre da cidade em oposição a Zona Norte.
[2] Estádios onde não há mais setores para assistir os jogos em pé.

necessário saber o setor ou até o assento no qual se vai querer ficar, para poder comprar o ingresso. Não é mais possível mudar de setor e o acesso. Tanto o estádio, quanto os setores são altamente vigiados para evitar invasões.

Além disso, há um sistema de monitoramento, através de câmeras, que é coordenado numa sala central. Dessa forma os torcedores são vigiados, para serem evitados os comportamentos indesejados. O sistema é do "panoptico" (Foucault, 1977), no qual as pessoas se sentem todo o tempo observadas, o que deve inibir comportamentos desviantes.

Grande parte das medidas citadas em relação ao conforto e segurança estão fixadas em catálogos de exigências das federações internacionais de esporte. No caso do Engenhão, como estádio de futebol e atletismo, valem as diretrizes da FIFA e da IAAF[3]. Ou seja, além das exigências de conforto e segurança, há ainda as exigências técnicas em relação ao equipamento esportivo, como o campo, a pista e os vestiários. Estas valem mundialmente, representam os valores estandardizados internacionalmente e deixam os interiores dos grandes estádios modernos muito uniformes. Marca, conforto, segurança e exigências das federações de esporte são, portanto, os quatro pontos de referência nos quais o arquiteto Carlos Porto se baseou para fazer o projeto do Engenhão.

Resumindo, é possível observar uma diminuição dos lugares para os torcedores ditos tradicionais, das classes de menor poder aquisitivo, e um aumento de espaço para a imprensa, patrocinadores, organizadores e VIPs. Além disso, o espaço do torcedor comum é remodelado, de áreas para assistir o jogo em pé para estádios "all-seater", com assentos. Esta mudança se deve à ideologia típica dos megaeventos esportivos, que entende o esporte como um produto, que precisa de um marketing, para que os clientes-espectadores consumam em segurança.

A construção do Engenhão seguiu estas diretrizes e ele foi aprovado para os Jogos Panamericanos. Com a escolha do Rio de Janeiro a sediar os Jogos Olímpicos 2016, esta aprovação foi confirmada. Já o estádio carioca na Copa do Mundo 2014 será o Maracanã e não o Engenhão. Este passou por reformas e terá ainda mais obras que seguirão as mesmas diretrizes de conforto e segurança. Enfim, se criam espaços para competições internacionais pontuais. O Engenhão foi usado por duas semanas durante o Pan 2007. Depois, restou o perigo de se tornar o chamado "elefante branco", ou seja,

[3] FIFA: Fédération Internationale de Football Association; IAAF: International Association of Athletics Federations

uma construção imensa e cara, que fica vazia e custosa. Por isso, o Engenhão foi arrendado ao Botafogo para garantir o seu aproveitamento, financiamento e manutenção.

Com isso entra em cena uma quinta característica a ser considerada na construção de estádios: a viabilidade financeira. Enquanto o Maracanã está sendo administrado por um órgão público do estado do Rio de Janeiro, a SUDERJ (antiga ADEM[4]), a prefeitura não tem um órgão desses e nem pretende administrar o Engenhão. A solução foi arrendar. O próprio arquiteto Carlos Porto também se preocupou com a questão, afirmando que fez um projeto para um uso múltiplo do estádio. Mas para isso seria necessária a reforma dos arredores.

Existe um investimento pesado numa construção gigante, que oferece possibilidades de lucro. O não-uso parece ser um contra-senso econômico imenso. Acredito que é esclarecedor refletir sobre as posições dos agentes envolvidos. A prefeitura parte do ponto de vista que precisa criar as condições para o desenvolvimento da cidade. Este dever ela cumpriu ao construir o Engenhão e trazer os eventos Pan 2007, Copa 2014 e Olimpíada 2016 para o Rio de Janeiro. Depois disso, a única preocupação foi que o equipamento construído não podia gerar prejuízos para a prefeitura, por isso o Engenhão foi arrendado. Dessa forma a prefeitura se livra da manutenção e ganha um aluguel. O gerenciamento é agora tarefa da iniciativa privada.

Além disso "a prefeitura" não existe como um ser homogêneo. Na verdade ela se compõe de vários políticos, como o prefeito Cesar Maia e o secretário de obras Eider Dantas, que precisam mostrar serviço para construir um portfólio, que eles usam em eleições para serem eleitos. Neste raciocínio o importante é a construção, não o seu uso eficiente. O arquiteto Carlos Porto é outro ator da prefeitura. Para ele é igualmente importante construir e realizar a própria obra, podendo vincular seu nome à mesma. Dessa forma aumentam as chances dele conseguir novos pedidos, mesmo não sendo mais funcionário da prefeitura. O uso econômico em si não é uma preocupação dele.

Finalmente o Botafogo como inquilino precisa se preocupar com um uso racional e economicamente eficiente do estádio. Mas sua principal fonte de renda são os jogos do próprio time. Há outras propostas como a construção de uma universidade, de um clube esportivo, de um Shopping Center etc. Mas o Botafogo como inquilino se recusa a investir no objeto arrendado. Esta seria tarefa do proprietário, que é a

[4] SUDERJ: Superintendência de Desportos do Estado do Rio de Janeiro; ADEM: Administração do Estádio Municipal

prefeitura. Dessa forma quer devolver a responsabilidade. A escolha do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos 2016 é favorável para o Botafogo, porque exigirá melhoras no projeto do Engenhão e é bem provável que a prefeitura seja obrigada a remodelar o entorno do estádio, ampliar as vias de acesso e construir estacionamentos, além de outros prédios administrativos.

A desvantagem do Botafogo é que o lucro econômico é mais urgente. O clube tem de arcar com a manutenção do estádio o que gera uma pressão em cima do clube. Entrevistei o ex-vice-presidente administrativo do Botafogo, Anderson Simões. Como no caso dos atores anteriormente descritos, neste caso também há claros interesses políticos. Anderson Simões tem um projeto de ascensão dentro do clube. Ele participou de uma chapa opositora contra o presidente Bebeto de Freitas e, depois de ter ganho a eleição, foi substituído, depois de apenas 8 meses no cargo, pelo novo presidente Maurício Assumpção. Na entrevista ele mostrou uma clara preocupação do clube em relação ao arrendamento, manutenção e propostas para solucionar o problema.

A manutenção de um estádio é muito cara e exige soluções criativas de financiamento. As propostas apresentadas por Anderson Simões são: a) devolver para a prefeitura e alugar em dias de jogo; b) participação da prefeitura na manutenção e os melhoramentos arquitetônicos e urbanísticos arcados pela prefeitura; e, c) exploração de novas fontes de financiamento, como *naming rights*, torre comercial ou clube esportivo.

Bale (1993) chama isso de *other-directedness*, ou seja, o estádio de futebol não é mais apenas um lugar do futebol, mas pode assumir muitas outras funções para poder ser economicamente explorado. O mais comum é a construção de um distrito de entretenimento, com clube, cinema e Shopping Center. Mas mesmo estas medidas implicam em financiamento.

O Botafogo tenta as medidas mais baratas. Está procurando, por exemplo, um parceiro para o chamado *naming rights*. Isso significa, que o nome do estádio deve ser vendido, da mesma maneira como o estádio em Munique se chama Allianz Arena (seguradora) e o estádio do Arsenal (de Londres) se chama Emirates Stadium (companhia aérea). Além disso, é possível vender espaço de publicidade e alugar o estádio para eventos como shows. Outra medida é a tentativa de arrendar as lojas nas arquibancadas para cadeias de fast food. O problema é que vai funcionar somente durante os jogos. E estes têm uma baixa audiência. O Botafogo teve, durante o Campeonato Brasileiro de 2009, uma média de público de 14.389, o que gerou um saldo

positivo para o clube de apenas R$40.791,22 por cada partida realizada no estádio (http://www.cbf.com.br/php/tabela.php?ct=1&cc=39&aa=2009, Acesso: 22.03.10).

Os números de audiência do Botafogo valem algumas observações: a) O maior lucro para o Botafogo resulta de clássicos, mesmo tendo preços acima da média; b) igualmente bom é o saldo nos jogos com a menor média de preços. Isso significa que a reclamação que a torcida não gosta do Engenhão é exagerada. Baixar o valor do ingresso pode ser economicamente mais rentável do que insistir no preço alto. Mesmo assim o valor arrecadado é baixo, diante dos custos da manutenção.

Seguindo Anderson Simões, a manutenção do Engenhão custa R$600.000 por mês, além disso, o Botafogo paga um aluguel de R$36.000 e o quadro móvel custa R$40.000 por jogo. Supondo que o clube tem dois jogos por mês, então isso soma gastos de R$358.000 por jogo. Mas seguindo a tabela em cima o Botafogo arrecada menos que R$50.000 em média por jogo. Em comparação, o Botafogo teve, no dia 17.02.2010, um jogo no Maracanã contra Flamengo, diante de 37.154 pagantes e teve um lucro de R$176.537,05, aluguel já pago e sem se preocupar com manutenção ou quadro móvel. Mesmo considerando que, tanto algumas outras fontes de renda, como contrato de patrocínio, televisão e venda de jogadores, mas, também, outros gastos, como folha salarial e dívidas, não aparecem nesta conta, o arrendamento do Engenhão parece ser um contra-senso econômico.

Parece-me que o Engenhão é o objeto e a arena de um torneio de valor (Appadurai, 2008) no qual aqueles que estão no poder disputam reputação, status e recursos. Os envolvidos são representantes do poder público - Prefeitura, Estado e Governo Federal, de um lado, e representantes de corporações privadas, como o Botafogo, Confederações de esporte e empresas, do outro.

O Botafogo, como inquilino tem de cuidar agora de um espaço cheio de contradições. O Engenhão foi construído pelo poder público local para sediar megaeventos internacionais sem laço local. O Botafogo precisa dos laços locais para atrair a sua torcida, ou seja, seus clientes, e teria que alterar o projeto arquitetônico. Como o clube é apenas inquilino e não proprietário, não pode investir na construção.

Surge uma confusão entre público e privado. As corporações privadas querem explorar comercialmente serviços do Estado, mas o que não dá lucro deve continuar no Estado. Por isso, Anderson Simões exige que a prefeitura assuma as partes deficitárias do Engenhão. Tipicamente shoppings e estádios não deixam claro o que é interior ou

exterior, o que é público ou privado, não definem o que é incluído ou excluído. Os problemas surgem na falta de transparência em separar o publico do privado. Quem é responsável pelo que nesta disputa na arena do torneio de valor?

No caso do Maracanã as responsabilidades são claramente distribuídas: o poder público paga e administra. Ele é conectado à comunidade local. Tuan (1980) diria que os torcedores sentem uma "topofilia" que é "o elo afetivo entre pessoa e lugar ou ambiente físico" (Tuan, 1980, p. 5) em relação ao Maracanã. "'Espaço' é mais abstrato do que 'lugar'. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor." (Tuan, 1983, p. 6)

Enquanto o Maracanã se tornou um lugar, o Engenhão ainda continua um simples espaço. Por isso, não diria que aconteceu um topocidio, a destruição de um lugar, no caso do Engenhão, porque este espaço nunca se transformou em um lugar topofílico, portanto também não poderia ser destruído. Ao contrário disso, o Maracanã pode se tornar vítima de um topocídio, se as reformas para a Copa 2014 não forem feitas com o devido respeito aos laços locais.

Segundo Bale (1993), a topofilia, e seu oposto, a topofobia, são emoções fracas, mas podem levar a um ativismo concreto. No caso da topofilia, estas ações podem ser um cuidado especial ou a defesa do estádio, se este for ameaçado. A topofobia pode provocar as mais diversas reações como abstinência, tentativas de reapropriação, vandalismo ou simplesmente apatia (Bale, 1993, p. 40 - 133). Isso explicaria a baixa audiência e a apatia da torcida botafoguense. Como diz Anderson Simões:

> Então para que temos o estádio mais moderno? Nunca ficou cheio. Ficou cheio três partidas: Botafogo e Portuguesa, Botafogo e River Plate, Botafogo e Avaí. Nenhum clássico encheu.

Ele acha que há quatro motivos para a baixa audiência: acesso ruim, concorrência da televisão, a violência e a baixa qualidade do time.

> ***Primeiro motivo é a falta de acesso e o segundo?***
>
> Segundo pelo horário da programação da televisão. Porque o que acontece. Como a Globo ela vende o pay-per-view, ela encaixa os jogos nuns horários que são impossíveis. Por exemplo, quinta feira a noite, lá no Engenhão as 22.00h da noite depois da novela. Não vai. Ce vai sair da sua casa para ir para o Engenhão no meio de um bando de favela para assistir um jogo, não vai. Se fosse no Maracanã. Iria. No Maracanã iria, porque o Maracanã é

> centro. Qualquer caminho que você pegue de carro, você passa ali pelo Maracanã. Entendeu? Ce tem esse acesso.
> Terceiro ponto: a violência. Do Rio de Janeiro em alguns pontos. Por exemplo, não no sábado ou domingo, mas jogos à noite também. Então se junta esses três e os nossos times também estão uma porcaria. Time do ano passado tava uma porcaria, o time desse ano é uma porcaria. Então não fique estimulado para ir. Ce pega Ronaldinho, Kaká e o Messi enfia no time do Botafogo e bota o jogo para meia noite no Engenhão. Então assim são esses três pontos mais o quarto que é o time que tá ruim.

Com isso, ele critíca alguns dos principais pontos que o arquiteto Carlos Porto disse ter considerado no seu projeto. Lembramos, ele reagiu à concorrência da televisão com um aumento de conforto, incluindo um bom acesso ao estádio, e o problema da violência está sendo enfrentado com novas medidas de segurança. A qualidade baixa dos times não muda no Maracanã e é, portanto, um problema geral. Ou seja, é provável que estes não sejam os motivos pelo baixo comparecimento.

Num outro momento da entrevista ele disse uma coisa interessante e esclarecedora:

> Eu acho se você pudesse ter um espaço – eu sou de torcida organizada – sempre fui desde os 15 anos de idade eu sou de torcida organizada. Então assim, é muito melhor assistir o jogo em pé. A gente curte assistir o jogo em pé. O Engenhão realmente tem isso, porque as cadeiras do Engenhão não deixam você nem ficar em pé, cadeiras altas assim. Realmente, pra torcida organizada nesse ponto é ruim. [...] No Maracanã já dá porque a cadeira é deste tamanho. [...] Mas no Engenhão realmente é ruim. E o Engenhão é um estádio sem alma, sem vida. Pode colocar cheio ali que ele não tem acústica que fica legal. Ele é aberto. Então o som ali vaza. Já no Maracanã não, é uma caixa.

Em entrevistas, vários torcedores fazem a mesma observação. A grande vantagem do Maracanã é que ele tem atmosfera, “alma”, “vida” e o Engenhão não. Analisando os dados apresentados, pode-se deduzir que seria economicamente mais lucrativo se fosse criado um setor no Engenhão sem cadeiras, onde os torcedores pudessem transformar o espaço em um “seu lugar”, estabelecer laços locais e criar um sentimento de topofilia, e se fossem abaixados os preços, especialmente neste setor. Parece que não são o conforto e a segurança que são as mercadorias do futebol, mas sim a emoção.

Porque, então, não se toma as medidas sugeridas? Acredito que o motivo para tal é o valor simbólico do Engenhão. Ele representa algo que é muitas vezes descrito através da categoria “moderno”. O desejo de ser moderno deixou o presidente do

Botafogo se tornar “megalomaníaco”, esquecer qualquer cálculo econômico e arrendar o Engenhão. Este pensamento merece um aprofundamento maior.

> Então por exemplo se vê **um estádio moderno** no país que tem a total capacidade de atender qualquer **padrão FIFA** é o Engenhão. (Anderson Simões, ex-vicepresidente administrativo do Botafogo, grifo meu)
>
> O Brasil ganhou sua cidadania internacional. Não somos mais de segunda classe; **somos de primeira classe**. Somos um país que foi colonizado e, por isso, tínhamos mania de ser pequenos, sempre achando que todos podiam e nós não podíamos. (Presidente Lula, em O Globo, 03.10.2009, dia depois da escolha do Rio como sede dos Jogos Olímpicos, Grifo meu)
>
> O Engenhão se tornou **mundialmente famoso** por sua arquitetura. (Torcedor do Botafogo, cerca 50 anos, entrevistado 12.03.09 na arquibancada branca do Maracanã, Grifo meu)
>
> O Engenhão é o segundo **estádio mais inteligente** do mundo.
> ***Segundo?***
> É, o Wembley é o primeiro.
> ***O que significa inteligente?***
> Ele tem telão e atende rápido na bilheteria. (Torcedor do Botafogo cerca 15 anos, entrevistado 22.03.2009 nos arredores do Engenhão, Grifo meu)

Os discursos citados mostram como é importante rotular o Engenhão como um estádio moderno. Muitas vezes o ser “moderno” está sendo descrito com um “como na Europa” ou que o estádio seria confortável. Entre os confortos estão citados os telões, a limpeza e o atendimento. O desejo de simbolizar seu pertencimento à uma classe superior, tanto através do direito de sediar uma Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos, quanto por ter um estádio moderno, é visível. Os conceitos marca, conforto, segurança e adequação a normas internacionais, descritos pelo arquiteto Carlos Porto atendem exatamente a esta noção de moderno.

Na construção do Maracanã, a noção de modernidade também era central, sendo que na época era baseado nas seguintes categorias: grandeza do Brasil, democracia, capitalidade, recuperação social e a superação do ócio. As categorias capitalidade e superação do ócio não aparecem mais hoje em dia. A recuperação social continua uma peça chave para justificar o financiamento de megaeventos esportivos e a construção dos estádios. Não se usa mais palavras como “grandeza do Brasil”, mas uma preocupação de auto-afirmação nacional, ante as principais forças econômicas e políticas do planeta, continua predominante nos discursos sobre o Engenhão.

O Engenhão representa, dessa forma, um objeto de status que deve posicionar o Brasil como um país "de primeira classe". Pelo mesmo valor simbólico, o Botafogo decidiu arrendar o estádio. Dessa forma, este clube acumula um capital simbólico que supostamente o coloca numa posição favorável em relação aos outros clubes cariocas e brasileiros. E, como já ensinou Bourdieu (2006), o capital simbólico é reversível em outros capitais, entre eles o econômico. Esta é a esperança do Botafogo.

Ou seja, os clubes cariocas e suas torcidas estão numa disputa simbólica de quem é o clube melhor, maior e mais moderno. Este é o motivo porque o Engenhão sofre frequentemente ataques, que tentam de denegrir a sua imagem. Em entrevistas minhas com torcedores de outros clubes que freqüentaram o Engenhão, surgiram várias vezes as categorias de acusação "O Enche-não" e "O Vazião" em referência às poucas vezes que o Engenhão teve lotação máxima.

Finalmente a principal diferença entre Engenhão e Maracanã é a categoria de "democracia". Enquanto o Maracanã foi construído para 200.000 pessoas, para, dessa forma, poder incluir a todos, a capacidade do Engenhão é de 45.000 torcedores. Não há mais um setor popular, como a Geral. O acesso ao Engenhão é um bem caro. Como diz Gaffney (2007, p. 14), estes novos estádios tem "strong rules of exclusion". O Engenhão como símbolo da modernidade brasileira e do seu status deve representar um público elitizado, considerado apto a ser mostrado para o mundo. Um público que quer consumir o jogo sentado, com conforto e segurança, como no teatro ou cinema.

Por isso o Engenhão foi construído como um "all-seater", não oferecendo espaço para manifestações mais populares, como as torcidas organizadas, que precisam ficar em pé. O Engenhão é um estádio construído para um público com alto poder aquisitivo. Isso explica a maior crítica que os torcedores da Zona Sul formulam sobre o Engenhão: a dificuldade de acesso. Vejamos alguns depoimentos de torcedores:

> As ruas em volta do Engenhão, e isso o pessoal, por exemplo, torcedores da zona sul do Rio de Janeiro sempre no início sempre tiveram um receio como chegar lá. Um pouco de violência no subúrbio, nem tudo mundo conhecia aquela região. Uma região mais ou menos casa simples, pobre, não tem muito comércio. (Luiz Felipe, Botafoguense, morador de Ipanema – Zona Sul, 26.01.2010)

> Na verdade o problema não é do estádio, mas do Rio. O lugar é longe e perigoso. Confesso que tem muitos preconceitos, mas como é nas quartas feiras a noite, depois do jogo deve ter muitos assaltos. (Heitor, torcedor do Fluminense e morador de Ipanema – Zona Sul, 08.03.2009)

> É uma hora de viagem até o Engenhão. Se você for sair de carro para lá, é um transito infernal. No Caio Martins, se o jogo for as 21.00h da noite você não pegava transito na ponte, então era rapidinho. Pegava a ponte, aquela via expressa, que é a ponte, caia direto no Caio Martins, já tava lá, já assistia o jogo. (Armando, Botafoguense, morador de Botafogo – Zona Sul, 05.11.2009)

Essa última fala revela as contradições. O Engenhão não fica mais distante do que o estádio Caio Martins, em Niterói, nem o transporte público é pior. A diferença é que o Engenhão fica na Zona Norte, que é uma área estigmatizada como pobre, suja, desconfortável e violenta. Esta separação remete ao final do século XIX quando "Trem, subúrbio e população de baixa renda passavam a ser sinônimos aos quais se contrapunha a associação bonde/zona sul/estilo de vida 'moderno'" (Abreu, 2008, p. 57). Nos termos de Douglas (1991), o Engenhão é uma construção pura numa área perigosa ou, nas categorias nativas, uma construção moderna numa área atrasada, não civilizada.

Referências Bibliográficas

Abreu, Mauricio. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. IPP: Rio de Janeiro, 2008.

Appadurai, Arjun. *Disjunção e diferença na economia cultural global*. In: Featherstone, Mike. *Cultura Global*: Nacionalismo, Globalização e Modernidade. Vozes: Petrópolis, 1994.

Appadurai, Arjun. *A vida social das coisas*: as mercadorias sob perspectiva cultural. EdUFF: Niterói, 2008.

Bale, John. *Sport, Space and the City*. Routledge: London, 1993.

Bourdieu, Pierre. *O Poder Simbólico*. Bertrand: Rio de Janeiro, 2006.

Douglas, Mary. *Pureza e Perigo*. Edições 70: Lisboa, 1991.

Foucault, Michel. *Discipline and Punish*. Vintage: New York, 1977.

Gaffney, Christopher Thomas. *Temples of the earthbound Gods*. Texas: Austin, 2007.

Sahlins, Marshall. *Cultura na Prática*. EdUFRJ: Rio de Janeiro, 2007.

Tuan, Yi-Fu. *Topofilia*: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. Difel: São Paulo, 1980.

Tuan, Yi-Fu. *Espaço e lugar*: a perspectiva da experiência. Difel: São Paulo, 1983.